DIÁRIO DE BORDO

NA TORCIDA

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV (GV Agro), embaixador especial da FAO para as Cooperativas e presidente do LIDE Agronegócios

A MÍDIA tem anunciado um certo atraso na liberação de recursos para o crédito de custeio para a safra de verão 2015/16.

De fato, até o final de agosto, o montante de dinheiro entregue aos produtores rurais brasileiros era bem menor do que o desejável. Em setembro, as liberações melhoraram bastante, mas a perda de grau de investimento do País e dos nossos principais bancos criou uma nova e perigosa expectativa.

Pior: com o aprofundamento da crise econômica e a dificuldade do Governo para resolvê-la, os depósitos à vista começaram a cair, de modo que os créditos com taxas controladas – os mais baratos – fatalmente têm diminuído. Com isso, haverá o encarecimento do *mix* de juros dos financiamentos da safra, o que é mais um fator de aumento de custos de produção que se soma à elevação dos preços de insumos (em função do câmbio com desvalorização do real frente ao dólar), ao encarecimento da energia (inclusive diesel) e à inflação (salários mais altos). E há, ainda, a queda em dólar dos preços das *commodities*, com a incerteza sobre como os afetará o ajuste por que passa a China.



A verdade é que os horizontes para 2016 vão mesmo reafirmando um quadro de margens mais estreitas. O atraso da liberação do crédito ainda não é fatal. Mas, não se pode demorar mais, porque isso comprometeria a compra de insumos, especialmente os fertilizantes, o que afetaria o padrão tecnológico, um retrocesso indesejável, afinal os brasileiros do campo estão, hoje, convencidos de que só serão competitivos na economia globalizada se tiverem alta produtividade, e isso só se consegue com tecnologia integral. Portanto, perder produtividade por causa de atraso na liberação de crédito seria um imperdoável equívoco de política pública.

Além disso, se as compras de fertilizantes atrasarem, haverá encarecimento do frete, por causa do gargalo da logística, causando mais um aumento de custo de produção.

Não bastassem essas questões todas, ainda sobra uma nuvem no horizonte dos resultados agrícolas de 2016: o El Niño, célebre fenômeno climático que interfere fortemente no regime de chuvas na safra de verão. Consta que, neste ano, ele pode ser mais forte do que o normal, podendo afetar negativamente a produção de grãos no Norte e no Nordeste do País, além de haver a ameaça de enchentes no Sul. Ora, isso pode levar à redução da produtividade por área plantada e da produção total de grãos.

Por fim, destaca-se uma grande incógnita quanto aos resultados financeiros da próxima estação: o valor do dólar na colheita. Em 2015, a valorização do dólar foi benéfica para o campo, pois plantamos, no ano passado, a um câmbio de 2,70 reais por dólar e colhemos, neste ano, a outro de 3,20, o que compensou a queda dos preços lá fora. Neste ano, vamos plantar com que câmbio? Serão 3,70 reais por dólar? 3,90? E qual será o valor na colheita? Há pessoas apostando em 4,00 reais; há quem esteja falando que vai cair. O fato é que ninguém sabe, tantas são as variáveis que interferem na conta, inclusive a perda do grau de investimento que pode levar dólares embora, ou o aumento da taxa de juros nos Estados Unidos, o que atrairia um maior fluxo da moeda para tal país.

Em suma, o crédito tem que sair mesmo, e, agora, é torcer pela ministra Kátia Abreu: ela sabe o que faz. ■